

QUAR A-FEIRA
Lisboa-24 de Dezembro-de 1930

5 TOSTÕES

5.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

2.º O

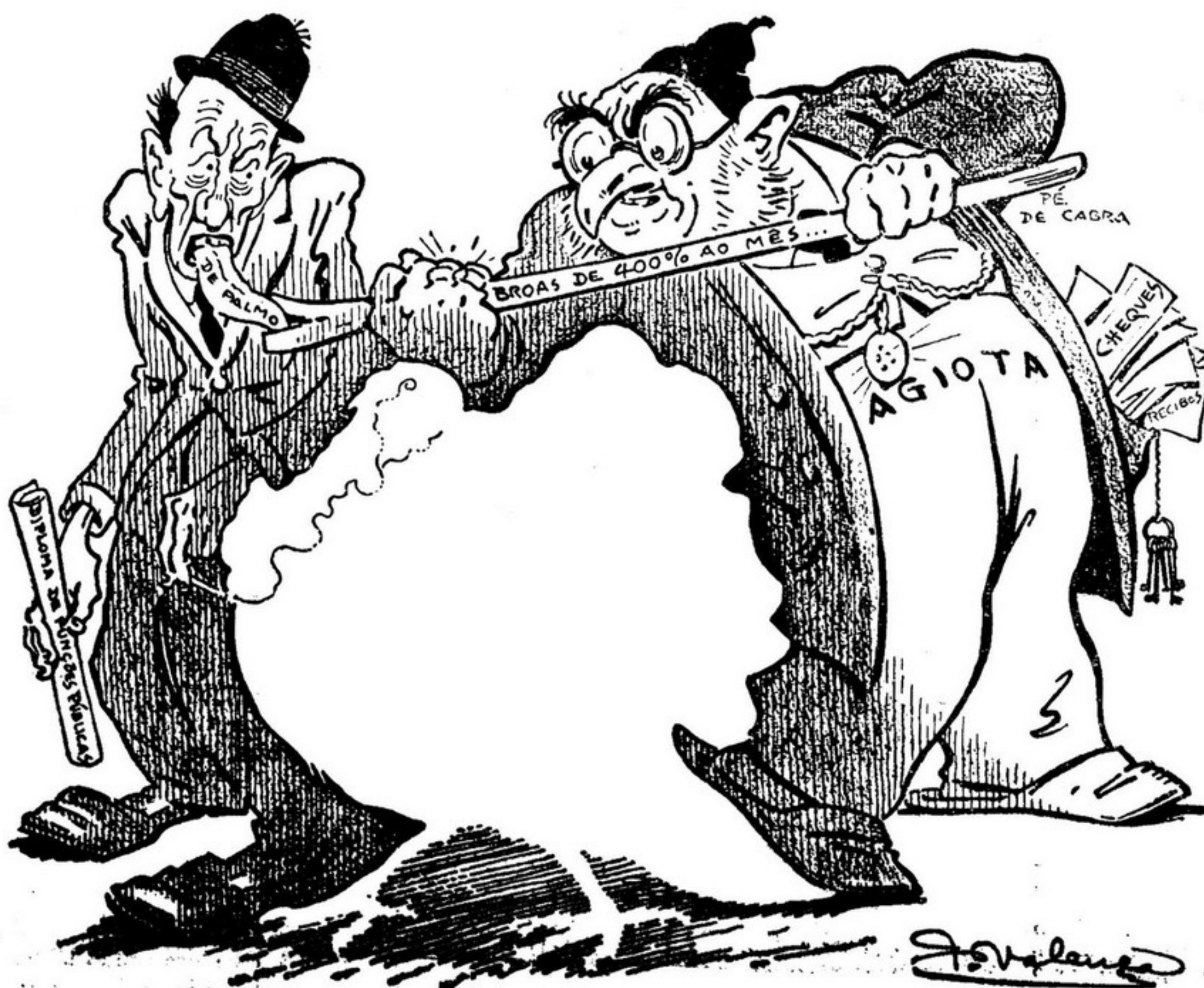
sempre
fiel semanário
humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. 20271, 20272, 20273
RUA DA ROSA, 57

O Natal do funcionario público



A terra é negra, e o porco está completamente "em branco"



Os ditos da semana



Natal Ha quasi dois mil anos que Cristo veio à terra com intenções de escorraçar os vendilhões do templo, e, tanto tempo passado, os vendilhões pululam em todos os templos. Os templos do Bem, da Honra, da Verdade, da Justiça foram assaltados e nem uma legião de novos Cristos seria capaz de impedir que o templo se tivesse transformado na Feira de Interesses mesquinhos que é o mundo de hoje em dia.

Não temos a pretensão de nos metermos a Redentores mas, se nos tivesse saído a sorte grande, ainda havíamos de tentar dar um geitinho a isto.

O dinheiro não pode fazer tudo, mas sempre faz alguma coisa. Com ele meteriamos mãos à obra, se bem que nos repugne um pouco mexer em coisas que, quanto mais se lhes mexe, peor cheiram.

E agora perguntará o leitor intrigado como queríamos nós endireitar o mundo com dinheiro, se é justamente o dinheiro que tudo perverter? Muito simplesmente. Com alguns milhares de centos adquiriríamos todo o fiel patife que anda a vender pinhões nos templos. É, uma vez de posse deles, deitavamos los fora. Ganhava a sociedade e ganhava o guano.

Coração nas mãos Do «Diario de Noticias» recortamos a seguinte noticia, vinda de Vila Nova de Oliveirinha Taboa:

Caso teratologico

VILA NOVA DE OLIVEIRINHA (Taboa), 12. — Na vizinha povoação de Estremoz, num rebento de José João da Costa, nasceu um filho com o coração fora do peito, entre as mãos.

O animal, que não tinha qualquer outra deformação, cresceu normalmente. Foi para não o deixar ferir nos matos que tinha de apanhar o pastor com a mão esquerda.

Como não pôde ou viesse a ferir o animal, foi-lhe cortado o coração.

Ao pobre animal aconteceu o que nos acontece a nós quando, como ele, andamos com o coração nas mãos — morremos às mãos dos nossos semelhantes.

Não sabia o infeliz cordeiro que o coração não pode andar ao pé da boca, quanto mais nas mãos, tanto mais que já lá diz o ditado que não se pode, entre lobos, ser cordeiro. E este ditado foi inventado quando os cordeiros ainda tinham o coração no

seu lugar, aferrolhado dentro do peito.

Pelos nossos calculos, aquelle cordeiro ainda deve ser descendente do outro da fabula do «Lobo e o cordeiro.»

Mais um bosque Depois do Parque Eduardo VII, vai ser arborizada a Serra de Monsanto e sulcada de belas avenidas.

Não é preciso um grande esforço para se calcular a magnificencia e a grandiosidade da obra projectada.

Temos ali a amostra — amostra sem valor, é facto — no Parque da Rotunda.

Abrem-se as ruas e calceiam-se com pedrinhas pretas e brancas, com desenhos e rabiobinhos muito bonitos, no que se deve gastar aproximadamente 29.000.000.000 de toneladas de pedras, mais das brancas do que das pretas, é claro, porque em Portugal são sempre menos os factos a

assinalar com pedras pretas do que brancas. Lá em cima, no alto da serra construe-se um grande lago com hotes e gasolinas, e em todas as covas que se encontrar um miradouro de boas vistas para o ceu. Em chegando o Santo Antonio compra-se na Praça da Figueira um stock de gaiolas de grilo para ornamentar os pontos mais vistosos da serra e fecha-se depois tudo em volta com um gradeamento de ferro, afim de evitar que alguns atrevidos se lembrem de para lá ir passear. Ajardina-se tudo, ilumina-se tudo, terraplena-se tudo, inverna-se tudo para que o forasteiro tenha bem a impressão de que está numa terra civilizada.

Arvores tambem se hão de plantar algumas lá para o ano de 2.000, mas escolher-se hão a dedo das que dão menos corpo, das que fazem menos sombra, porque Monsanto não é Africa.

Quando a obra fôr em meio, inaugura-se solemnemente com morteiros e discursos e,

em se chegando ao fim, torna-se a inaugurar, porque obras daquela monta não podem ser inauguradas só duma vez.

E, quando tudo estiver pronto, povoa-se a serra de guardas neurastenicos como os do Jardim da Estrela e de outros jardins da capital, cada um armado dum cajado, como é costume, para evitar que as pessoas tirem os casacos, que as creanças corram, gritem, cantem e passeiem por entre a verdura, já que as relvas da capital são como os objectos de museu: — vêm-se com os olhos, mas é proibido tocá-lhes.

Esses guardas terão principalmente a missão de estar sempre de mau humor e de ter uma particular embirração pela gente de palmo e meio.

E não é preciso mais nada para que Monsanto seja um recanto do Paraíso. E que ninguém se admire de por lá não encontrar Adão e Eva porque tambem não haverá maçãs, sabido como é que a mãe Eva nunca foi capaz de dar ponto sem nó.

Dr. Fernando de Lacerda



Ginecologista de raro valor, grande apreciador de bom teatro e de melhores charutos, quer ver o tanto que honra o seu mestre — o eminente professor Reynaldo Santos.

Semana do Chiado Vai haver a semana do Chiado. Uma semana só? E depois? Aquilo acaba-se?

Ainda nos custa a crer que o comercio ornamente as montras e embandeire as fachadas, tendo a certeza de que o Chiado não dura mais duma semana.

Ou estarão eles a entrar de semana connosco?



Expediente Não tem. Como jornal serio que é, não vive de expedientes. Em todo o caso cobra as assinaturas à razão de:

Continente e ilhas... { Ano: 26\$00
Semestre: 13\$00
Trimestre: 6\$50

Colonias portuguesas... { Semestre: 15\$00
Ano: 30\$00
Estrangeiro... { Ano: 34\$00

N. B. — O nosso jornal não tem cobrador para as assinaturas. O leitor intelligente percebe logo que as mesmas são pagas adiantadamente.

Anuncios Isto, agora, é por tabela.

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

A CONSOADA DOS ARTISTAS. Grande mesa rectangular, já despejada de vitualhas e de licores raros, consumidos segundo as possibilidades estomacais de cada um e de cada qual. E' meia noite, pontualmente. Reina uma grande harmonia na familia teatral. A concordia é sincera. Fala-se abundantemente. Diz-se bem de todos. Não de pode mesmo dizer mal porque estão todos presentes. E recorda-se os bons tempos que passaram, como os cardeais na cela dos mesmos, versificada pelo sr. dr. Julio Dantas.

Palmira Bastos: — Meus bons amigos, sinto-me cada vez mais nova, mas tenho saudades dos meus tempos de opereta.

Clemente Pinto: — Com certeza que não val falar na Flôr da Murta, estilo D. João V dos Armazens Olaio.

Palmira Bastos: — Não, meu bom amigo! E' que me lembro das minhas noites de gloria. Era a rainha de Lisboa. Os empresarios disputavam-me a voz e punham-me carruagem ás ordens, á saia do teatro. Agora, vou de taxi.

Carlos Leal: — Taximetro! E' a maior descoberta do seculo! Só irei ao Brasil quando se inventar um automovel aquatico, e vestido de escafandro, por causa das ouvidas.

Estevam Amarante: — Tem razão, D. Palmira! Bons tempos! Bons tempos! O Brasil já deu o que tinha a dar. Quem me dera agora uma boa revista como a

Agua-Pé! Bebi-a um ano sem me cansar!

Robles Monteiro: — Uma revista? Ainda era uma solução para o Teatro Nacional! Tanto mais que estamos no Carnaval!

Amelia Rey Colaço: — Antes o Demonio!

Alves da Cunha: — Loucos! Insensatos! Fizem de mim a Fera Amansada, enjaularam-me na provincia. Mas, ai de vós, se desço ao povoado! Devoro-os a todos! Respeita em mim o maior actor do teatro português!

Corina Freire: — Se querem, canto a Canção do Berço, para apazlugar os animos!

Dina Tereza: — Antes o fado da Severa, puxado ao rigoroso!

José Climaco: — Calal-vos, transfugas do teatro! O cinema é que nos tem dado cabo da vida! A Rainha Santa converteu o pão em rosas para enganar D. Denis, eu converto as rosas em pão, para ganhar a vidinha!

O empresario Emauz: — Isso é exagero, ó Climaco! Eu cá ainda como pato todas as noites, ao jantar!

José Loureiro: — Sim, mas comes pouco! Tiveste sempre medo das indigestões!

Santos Carvalho: — Antes pouco é certo do que muito e incerto. Unam-se, se querem triunfar e ter casa na Avenida!

Luiza Satanela: — Tambem já lá morei!

Vasco Santana: — Quem vai ao mar perde o lugar! Porque fôste ao Brasi!

Erico Braga: — Já leram o Girasol? Agora faço criticas!

Chaby Pinheiro: — Cuidado, não brinques com o fogo, que te podes queimar!

Lucilia Simões: — Não respondas, Erico! O que eles teem é inveja!

Amelia Pereira: — Tão minha amiga! Tão minha amiga!

Setras Pereira: — Seja tudo pela Santissima... Trindade!

Joaquim Almada: — O mesmo digo eu, que tambem sou cristão.

Samuel Denis: — Ha dogmas que não atinjo! Esse é um deles!

Maria Matos: — Não sejam teatros, nem caturras, como eu, quando faço as sogras! Já sabem que acabei com as Marias?

Maria das Neves: — Isso não é verdade! O Maria... Vitoria lá está no mesmo lugar! Eu é que fui parva em sair de lá!

Margarida Ferreira: — Aquilo é uma Rapioca! Se eu lá estive, se a cantar o fado!

Filomena Casado: — Perdão! O fado agora é outro! E' todo nú!

Francis: — Fui eu o precursor!...

Beatriz Costa: — Não se dispam! Olhem que está aqui uma creança!

Costinha: — Duas! Então não contas camigo?

Erico Braga: — Querem figurar nas matinées infantis?

Rafael Marques: — Vamos a coisas sérias! D. Ilda, diga-nos lá qual a peça que gostava mais de fazer?

Ilda Stichini: — Em réplica ao

Se eu quizesse, o S. er. pudesse! Como tudo isto mudava!

Ester Leão: — Tem razão, illustre colega! Riamo-nos de quem se ri de nós!

Augusto Soares: — Tristezas não pagam dividas, nem dão contratos.

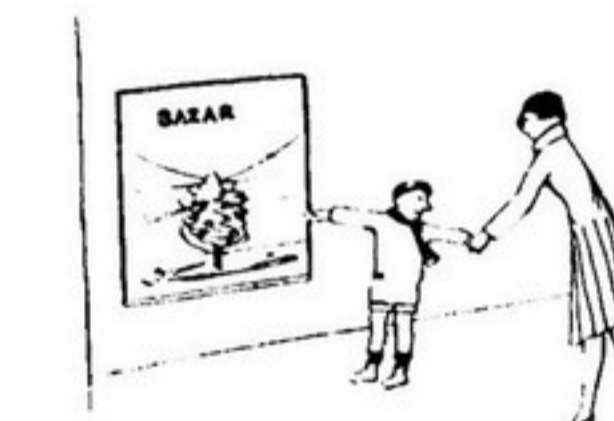
José David: — Não foi isso o que me disse o Climaco!

Augusto Soares (que quer fechar a festa): — Bebamos pelo Gremio dos Artistas!

O homem de todas as horas: — Muito bem! Muito bem! Parabens a todos! E até para o ano

O HOMEM DE TODAS AS HORAS.

PRESENTES DO NATAL



— Mas isso que queres é muito caro.
— E que tens com isso? E's tu que pagas ou é o Menino Jesus?



— Tu tens um chapéu de côco muito patusco.
— Pois olha foi o que pude arranjar no Costa.
— E' chapeleiro?
— Não, é um restaurante!...

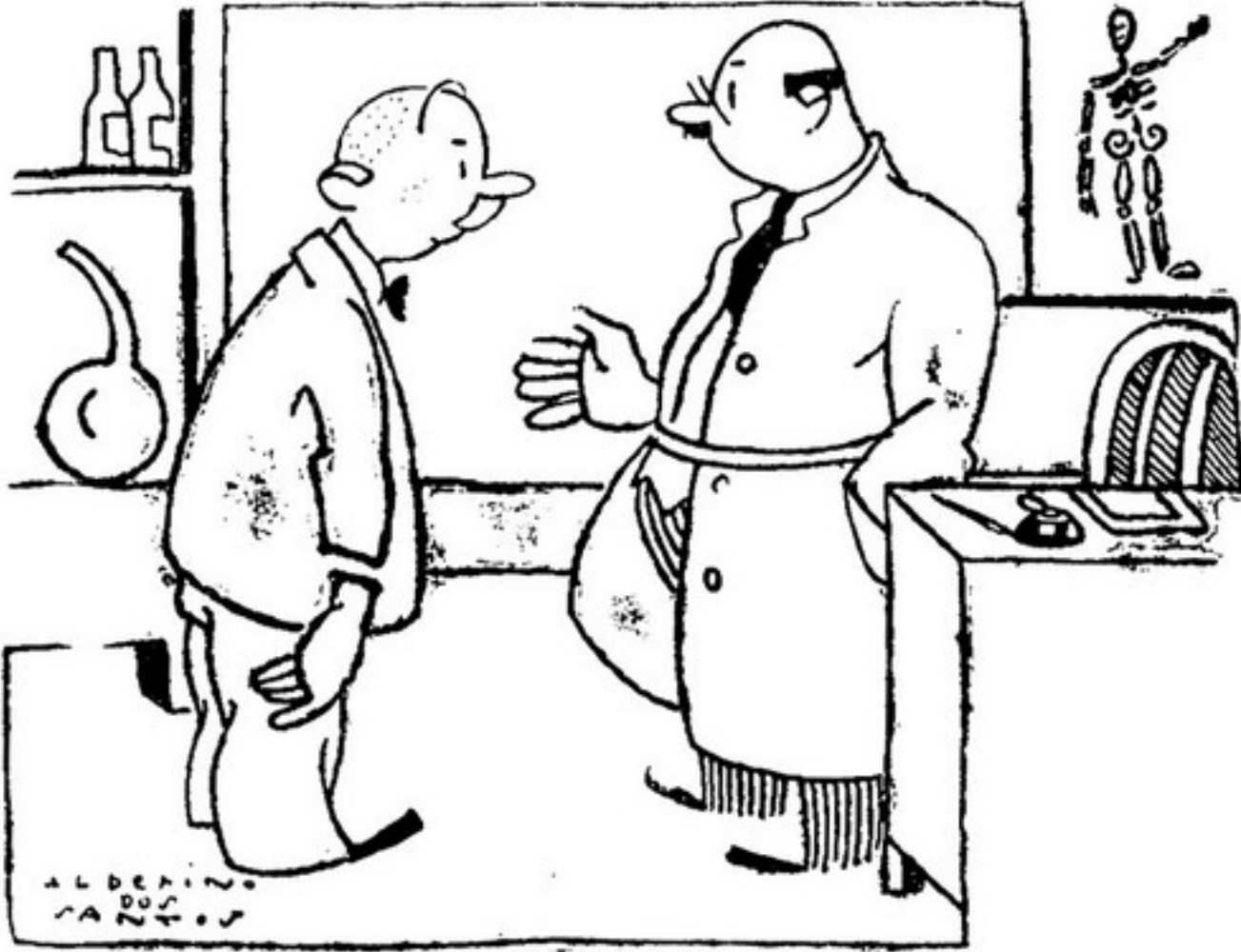
Coisas de medicos



O medico: Você está muito fraco, precisa muito de lingua, muito de língua.
O doente: Mas, dr., veja-me a lingua.
O medico: A lingua tambem.



— Tu estás a dizer que o meu marido saiu? E sabes onde foi?
O groom: — Não, minha senhora.
— E a dactilografista saberá?
O groom: — Essa sabe. Porque saiu com ele...



--- Não deve abusar tanto do alcool.
 --- Ora adeus. Desde os 16 anos que bebo e já fiz sessenta.
 --- Pois sim, mas quem sabe se nunca tivesse bebido, se não teria já feito setenta.

Graça dos outros

A senhora do director: -- Dizes que meu marido saiu?... Sabes onde foi?

O empregado: -- Não, minha senhora!

A primeira: -- Talvez a dactilographa saiba onde foi, não?

O segundo: -- Com certeza! Ela saiu com ele...

No dentista:

-- Parece-me caro, vinte escudos para extrair um queixal!

-- Pergunta-lhe quanto leva por arrancar uma dazia. Talvez faça abateimento...

No escritório:

O director: -- Recordas-te da data dos últimos expedientes?

O empregado: -- Não, senhor!

O director: -- Pois quando se é tão estúpido, faz-se o que eu faço: tira-se apontamento...

Ela: -- Afinal, o que é o flirt?

Ela: -- Atenção, sem intenção!...

O treinador: -- Felicito-te por o artigo que escreveste!

O boxeador: -- Toda a gente me diz o mesmo! Que pena que eu não saiba ler!...

O pai: -- Tu sabes onde vão as meninas que não guardam o dinheiro?

Ela: -- Sim, papá, à confeitaria...

Entre marido e mulher:

Ela: -- Ainda me lembro da cara de parvo que tinhas quando foste pedir-me a meus pais.

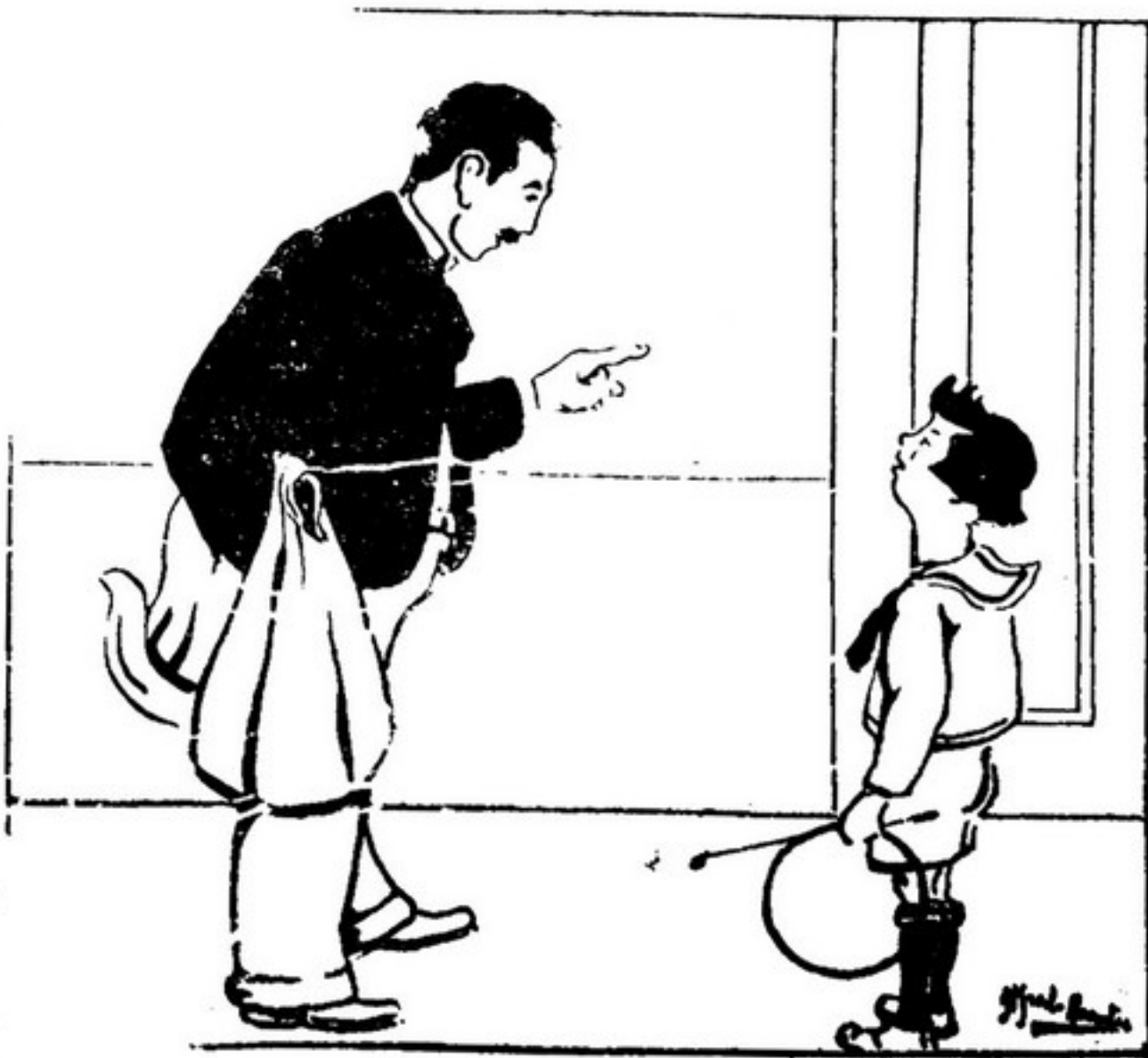
Ela: -- Perdão, menina, nesse dia não era só a cara; era o corpo todo.

Na rua:

-- Vês aquele homem? Contribui para enxugar muitas lágrimas.

-- O que faz ele?

-- Vende lenços de algebeira...



-- Não entres agora, papá, para não assustar o menino Jesus que deve estar a pôr nos meus sapatinhos os brinquedos de Natal.

TAC-TAC-TAC

Como o Tomé veio a Lisboa

Em Vila Franca de Xira, a futura patria dos touros de morte, vivia Tomé Aleixo, moço de posses consideráveis, ferrador de seu officio e mais avarento do que o mesmo Harpagão.

De ha muito que alimentava um sonho, a que com deleite se entregava em cogitações risonhas; um sonho doirado: -- vir até Lisboa, para conhecer os encantos da capital. Aos serões, em conversa amena com os seus amigos, todo se comprazia em descrever-lhes, com grande copia de detalhes picaros, o que faria em Lisboa quando, alfim, a visitasse.

Mas o horror que desde menino de colo nutria pela agua afastara com pávida repugnancia a ideia de fazer a viagem sobre um barco, aportando triunfalmente ao Terreiro do Paço. Haveria de realizar a jornada sobre a terra firme, o que é o mesmo que dizer de comboio.

E aqui se originaram as suas hesitações. «Quinze mil réis de passagem é muito dentro!» -- consentava de pitorescamente.

-- Não! Eles ainda não de baixar os preços...

E per ali se ficava naquella doce embora vaga esperanza.

Ora, como toda a gente sabe, entre as varias coisas que nunca baixaram conta-se com segura certeza o preço das passagens nos caminhos de ferro. Assim, longe da hipoteses amoravel de Tomé, os preços subiram cada vez mais, a pontos duma viagem a Freixo-d'Espadade-a-Cinta custar mais caro do que antigamente se pagava, ida e volta, para ir visitar o Schá da Persia, contando com a inevitavel compra dum tapete indigena.

Foi nestas circunstancias que apareceu a Tomé Aleixo um rapazola da Moita, simpatico e falador, muito entendido em maleitas de cavalgaduras, o qual logo conquistou as boas graças do ferrador pelas suas longas descrições das *pandegas de Lisboa*.

E, como Aleixo se queixasse da careza das passagens no comboio, prontificou-se immediatamente:

-- Eu arranjo-lhe tudo isso muito barato. Sou amigo d'um ferroviario que é revisor do comboio. Você dá-me dez mil réis e eu entrego-lhos, dando-me ele uma passagem especial para você.

-- Não me diga outra! -- exclamou Aleixo entusiasmado.

-- Já lhe disse. Dê-me cá o dinheiro que isso arranja-se logo, sem demoras.

E assim foi. O Josué, sigano de crigem e alveitar de profissão, recebeu os dez milhos e ficou combinado que a viagem ficaria para daí a dois dias, num sabado.

-- Mas, ó sr. Aleixo, muita cautela: não dê com a lingua nos dentes...

-- Vá socegado, sr. Josué. Pode ter confiança.

No dia aprazado, á porta da estação, Josué appareceu com um grande volume de jornais, amarrado e lacrado. Aleixo esperava-o impaciente.

-- Aquil tem a passagem. Você mete-se no primeiro comboio que vai partir para Lisboa. Senta-se na 1.ª classe e, quando vier o revisor, entrega-lhe isso com cautela. O resto ele lá arranja.

O Josué, pretextando um trabalho urgente, despediu-se apressado. O Aleixo enfiou confiadamente pela porta da *gare*.

-- Tem passagem? -- perguntou-lhe o porteiro.

-- Levo-a aqui -- respondeu Aleixo.

-- Então, deixe cá vér! -- voltou o porteiro.

-- Ah, isso é que eu não posso -- declarou desconfiado o viajante.

-- Mas não tem de comprar um bilhete de passagem? -- perguntou-lhe o porteiro.

-- Não, não tem de comprar um bilhete de passagem. Mas vá depressa, que o comboio vai partir.

Aleixo, muito comprometido, com-

prou uma *gare* e enfiou como um foguete pela porta, entregando ao funcionario o bilhete. Mas neste momento exactamente, o comboio pôs-se em marcha, deixando Aleixo-assarapantado na platibanda do cais.

Tomé, no seu desespero, lembrando-se dos dez mil réis que já dera, não esteve com hesitações.

-- Vou apanhá-lo á outra estação! -- pensou em voz alta. E partiu a correr pela linha fóra.

Ao entrar na *gare* da proxima estação, afogueadamente, perguntou a um factor que no momento passava:

-- O comboio para Lisboa?

-- Olhe, partiu ha dois minutos...

-- Raios me partam! -- praguejou convictamente Aleixo. -- Pois hei de apanhá-lo na estação seguinte.

E lá foi a correr pela linha fóra. Na estação a seguir, informação semelhante lhe deram e assim, estafado, a deitar os bofes pela boca fóra, foi andando de estação em estação, sempre chegando quando já o comboio havia passado.

Era já tardinha, quasi noite, quando entrou numa *gare* muito florida.

-- O comboio para Lisboa?

-- O da manhã já está de volta. Mas ha o da tarde, que passa daqui a duas horas.

-- Que terra é esta? -- perguntou Tomé Aleixo, alimpando o suor com frenesi.

-- Belas!

-- *Bolas!* digo eu -- gritou o viandante. -- E é muito longe de Lisboa?

-- Não; é pertinho... -- explicou o factor, julgando que o homem era maluquinho.

Tomé Aleixo não se conteve. Atirou com o embrulho para o meio da rua e, num gesto decidido, resolveu com energia:

-- Pois, já agora, vou a pé para Lisboa!

CIRANO DE VELHOFRAC.

NATAL



UMA PERUA

BARBEIE-SE COM LAMINAS



As de mais fina tempera

UMA NOVELA

O triste fim dum revisteiro

De entre os revisteiros de apellido Barbosa, um apareceu que garantia aos empregados o sucesso nas plateias baratas. Apesar de já entrado em anos, tanto dos naturais como dos de teatro, salientava-se por teimoso.

Como fosse um grande patriota, lembrou-se para a sua nova produção, num grande quadro alusivo ás nossas colonias, de convencer o empregado que mandasse vir um autentico antropofago de uma das tribus do interior da nossa Africa.

Um antropofago a comer carne de gente em scena! Era a novidade! Seria, decerto, o numero que suplantaria, em agrado, os bailados de Francis, os travestis de Hortense Luz ou os esquisitos figurinos de Adelaide Lima Cruz.

Um africanista, ex-frequentador dos bastidores, conseguiu enviar o desejado antropofago.

O transporte fizera-se em segredo e, uma vez desembarcado o selvagem e guardado a bom recato, notou-se que ele quasi não comia e por tal emagrecia a olhos vistos.

O seu carcere era uma ampla gaiola com todas as comodidades modernas e sanitarias, desde o *polissoir* até ao autoclismo.

O empregado tinha feito um contrato com o director dos hospitais para que as refeições viessem da *morgue*, depois de passarem pela mesa anatomica.

Mas, apesar da mesa farta que ele tinha, o preto continuava a emagrecer.

O revisteiro Barbosa andava preocupado porque, se o preto

morresse, lá se ia por agua abaixo a sua *Salada de frutas*, tal era o titulo da nova produção.

Chegado o dia do ensaio geral, ele teve a gentileza de convidar os seus colegas autores para admirarem o novo interprete. Dentro em pouco a gaiola era rodeada por uma multidão de curiosos revisteiros. O pretalhão, de olhos esbugalhados, olhava para aquele grupo de mirões, apontando um de entre eles com um determinado sorriso.

— Será comigo? — disse o Lino Ferreira.

— Não, deve ser comigo! — disse o Xavier de Magalhães — que sou mais gordo.

E ao aproximarem-se os dois da gaiola, notaram que o pretalhão fazia um gesto de repulsa.

— Já sei — disse o Lino Ferreira — a nossa gordura não lhe convém. Somos diabeticos...

O negro continuava a apontar, teimoso, para um dos escritores presentes. Era para o Alberto Barbosa.

O antropofago, como o Alberto é preto, não queria mudar de paladar. Convinha-lhe aquela carne.

A fraqueza do selvagem ia cada vez a pior e daí o empregado, julgando falhar-lhe o negocio, resolveu chamar o autor e disse-lhe:

— Meu caro Barbosa, o clou da revista é a apresentação do preto a comer carne de gente em scena e, se o pretalhão morre, lá se vai o negocio por agua abaixo. E' a ruina!... Veja lá no que você me meteu.

— Meu caro empregado — disse o Barbosa — garanto-lhe que a minha *Salada de frutas* ha de triunfar porque o homem ha de comer carne de gente.

Primeiro lembrou-se de ir procurar o seu homonimo Alberto Barbosa para ser comido pelo pretalhão, invocando a velha amizade, mas Alberto estava no Brasil com a Hortense Luz e, portanto, não podia convencê-lo a ser comido...

Nisto passou pelo espirito do autor uma ideia sublime! A nobresa dos seus sentimentos e as glorias passadas a uma grande decisão o obrigavam.

Chega-se a noite da primeira representação e a peça fez um reumbante sucesso! O selvagem tinha cumprido admiravelmente a sua missão. Tinha comido sofredamente carne humana deante do publico!

As ovações chegaram ao delirio!

— Autor! Autor! Autor! — gritava a sala inteira.

Nesta altura, o contraregra, com uma triste expressão de sentimento, avançou á boca de scena e, com voz tremula, disse ao publico as seguintes palavras:

— Meus senhores e minhas senhoras: — O autor não pode comparecer porque acaba de praticar o maior acto de abnegação teatral dos ultimos tempos. Para que a sua *Salada de frutas* triunfasse, ele, num rasgo de amor proprio, pintou-se de preto e entrou na jaula do selvagem. A carne que vossas excellencias viram comer era a carne dele!...

E assim terminou um revisteiro a sua carreira teatral. Para comido o

BARBOSA JUNIOR.



--- Então lá ficaste mais uma vez sem a taluda.
--- Pois fiquei, mas já nunca mais me torna a acontecer o mesmo.
--- Então como arranjas tu isso?
--- Ora, vou-me fazer pescador de Cascais.

Elevador da Gloria

A patroa: — Olhe que tem de ser muito pontual! A's 9 levanto-me, á: 10 tomo banho, ao meio dia visto-me e ás 11 deito-me!

A nova criada: — E eu o que tenho que fazer? A mesma coisa?...

Marido e mulher:

Ela: — Ah, se eu fosse passaro!...

Ele: — No mesmo instante transformava-me em espingarda...

Num jantar de boémios:

— Bebo á saúde dos nossos alfaiates!

Logo uma voz:

— Anda, que é a primeira prestação que lhe pagas...

A um rapaz que namora duas raparigas ao mesmo tempo perguntou uma delas:

— Se ambas caíssemos a um poço, qua! salvavas primeiro?

— Nenhuma!

— Ora essa! E porquê?

— Porque não sei nadar...

O alcijado: — Cai dum quinto andar quando estava pintando uma janela!

A benfiteira: — Ah! eu não julgava que fosse tão grave! Tinha ouvido dizer que fora só dum quarto andar...

No restaurant:

— Porque pedes uma *omelette*?
— Porque a criada disse-me, confidencialmente, que os ovos não são muito frescos...

O pai: — Nunca julguei que os teus estudos me saíssem tão caro!
O filho: — E eu sou ainda dos que estudam menos...

Entre amigos:

— Que preferes tu, as saias curtas ou compridas?
— E'-me indiferente! Como sou casado, tanto me faz pagar umas como outras...

Erico Braga



Erico de nome é rico de ideias, conseguiu fundar um jornal com o nome de «Girasol» que gira com agrado, nas mãos de muitas pessoas que de ha muito lhe girava na cabeça a vontade de girarem os olhos sobre tão simpatico flor...

Rua do Mundo, 115



— Com elle está o presente de Natal que não podes dar. — Inútil, minha filha. Como te havia eu de pôr um Fiat dentro dos sapatos?

O olho da Miquelina

Cautela, rapazes!...
A mulher que vos apresento é daquelas que, para vencer a vida, pisca o olho a toda a gente. E' com ele que ganha para os alfinetes... Um verdadeiro olho providencial!

Trata-se da Miquelina. Quando desce o Chiado para fazer as compras no Grandela, leva abraz de si uma coorte de admiradores. E porquê?

Perce o seu olho — o do lado direito — sempre a tremar e a piscar, engana o mais esperto e barato Lovelace... Julga este que conquistou a mulher e não passa, para ela, dum tóto.

A Miquelina entra num estabelecimento e logo o caixeiro fica hipnotizado com o tremelicar do seu olho...

Aconteceu que, estando ela a discutir o preço dum objecto que desejava comprar, fixou naturalmente o caixeiro — e piscou-lhe o olho, sorrindo... Fez isto duas ou três vezes e o flamante rapaz derreteu-se em contumelias. A certa altura, a Miquelina tinha de *borla* um precioso e artistico frasco de perfume. E, pelo mesmo processo, todos os dias ela apanha *borlas* dos mil e um caixeiros de Lisboa. Quem arde é o patrão!

Um dia, Miquelina dirigiu-se a um talho. Pediu um quilo de *rabadilha* e houve, simultaneamente, a peculiar piscadela de olho.

O cortador, febricitante, salu fóra do balcão, cortou a peça de carne e, com assucarada voz, disse-lhe:

— A *rabadilha*, hoje, é oferecida.

E, sem mais tir-te nem guar-te, tomou-a nos braços e despejou-lhe cinco beijos mais que fiteiros...

Ela barafustou, beirou, mas, por fim, agradeceu...

E assim a Miquelina vai ganhando a vida com o seu olho — dela, bem entendido!

Caixa Postal

Pelo correio recebemos um *memorandum* que a Casa Freire Gravador enviou a uma cliente e que, sem alterações, publicamos para gozo dos nossos leitores e gratuita publicidade da referida casa:

— Sr. — Sabendo que lhes entregamos chapas esmaltadas, selos em branco carimbos, sinetes, etc. Venho por esta dizer a V. Ex. que sou grande fabricante destes artigos e aplico material de 100% qualidade e artismetre, eles um filho que fez seus estudos no Extranjeiro como posso provar com grandes chaps feitas em exposição na frente do meu estabelecimento da Rua do Ouro por isso V. Ex. faz o que entender no entanto a V. Ex. faço o desconto de 2000 mais barato do que qualquer outro o que lhes garanto tendo sempre muitos trabalhos destes em execução. Agradecendo e aguardando as suas presadas ordens. De V. Ex. c/ maxima c/ (a)? Freire.

De Evora recebemos tambem um impresso da «Loja dos Enforcados» e, para não deixar duvidas acerca do titulo *nacabro*, illustrado com um par de enforcados, sobre os e com linguas de fora...



— Puzeste a casa no seguro?
— Foi tratar disso ontem.
— E' se a casa arder amanhã o que tomas?
— Tenho dois ou três anos de...

Um revisor exemplar

Entre a roda de amigos que todas as noites costumava reunir-se na loja de barbeiro do mestre Rapaqueixos, distinguia-se pela sua inexgotavel verve e bom-humor, Sarzedas Tiago, que por sinal era gago, o que lhe dava até maior graça aos seus ditos picarecos.

Uma noite, á falta de assunto, contaram-se aneddotas e apropósitos, que cada um condimentava como podia, com um bocadinho de pimenta, para lhe dar maior sabor.

— Então, amigo Sarzedas, é agora a sua vez — disse um do grupo.

— Venha de lá essa aneddota — disseram outros.

Então, o Sarzedas tossiu, tossiu e respondeu:

— O que vou contar afianço-lhes que é verdadeiro. — E começou: —

«Um dia, estava eu na minha repartição da Companhia, — o Sarzedas era empregado superior de uma Companhia de caminhos de ferro — quando entrou por ali dentro o meu amigo Anacleto, que ha muito tempo não via.

— Então tu por aqui?

— E' verdade. Venho pedir-te um favor. Sabes que vou casar?

— Ah! Sim? Pois tem paciencia. Não posso ser padrinho de ninguém.

— Não é isso. Quero fazer a viagem nupcial á vontade, com a minha futura esposa. Compreendes. Não é por mim. Mas ela é um pouco acanhada e nervosa. E depois... Sim. Eu tambem não gosto de ir contrafeito.

— Já sei. Queres um reservado.

— Exactamente.

O noivo fez o deposito e ficou tudo arrumado. Chegou o grande dia. Foi um casamento cheio de pompa e de musica. As gaitadas começaram logo na igreja, com nissa a grande instrumental, e durante o «copo de agua» e o banquete, um sexteto deliciou os convivas. Só os noivos é que não estiveram para os aturar. Meteram-se num carro e seguiram para a estação.

A' hora da partida do comboio, um carregador badalou fortemente a campainha e a maquina, rugin-

do e bufando, começou a acelerar a marcha, com o seu «pouca-terra, pouca-terra». O revisor, ora subindo, ora descendo carruagens, iniciou a sua ardua missão até que, a certa altura, subiu para a carruagem onde os noivos, julgando-se livres de cilhares importunos, iam entregues á delicia da viagem nupcial.

Precisamente nessa altura, o comboio tinha atingido o maximo da sua velocidade, a maquina resfolegava ruidosamente e os engates faziam ouvir o bater das feragens...

A noiva «enfiada», com medo de algum descarrilamento, agarrou-se ao noivo e desmaiara, enquanto este, fleugmatico como um inglês e sereno como um guarda-nocturno, explicava ao revisor:

— Minha esposa é muito nervosa e, como é a primeira vez que faz uma viagem assim, teve medo e desmaiou.

Só então o revisor notou que se enganara e, sem uma resposta ao menos, voltou as costas e saiu. Não tinha que revisar all bilhete.

No dia seguinte, quando fui para a repartição, — já todos os meus subordinados tinham saído, excepto o continuo — deparei com uma participação do revisor. Mandei chamar este e interroguei-o:

— Que queres isto dizer? Que metafora é esta? — e apontei-lhe certa passagem do relatório.

— V. ex. ha de desculpar, mas eu não sabia que isto era uma metafora.

— Não é nada disso. Troque-me o caso por miudos.

A muito custo lá conseguí que o homem me contasse ali tudo, tim-tim por tim-tim.

— E o que é que você fez depois?

— O que fiz? Voltei as costas e saí.

— Pois fez mal. Não devia voltar-lhe as costas, ouviu?! Vá-se embora, e para a outra vez tenha cuidado.

O revisor tossiu, engoliu em seco e, pedindo licença, retirou-se, jurando nunca mais meter-se onde não fosse chamado.

Quem porfia...

Pouco patriota, o sr. Silva aconselhava o estrangeiro como brilhante futuro para todos aqueles que para qualquer arte mostravam decidida vocação. E ao ser-lhe apresentada qualquer pessoa á qual achava qualidades para triunfar, o sr. Silva tinha um sorriso de incompreendido e exclamava com ares superiores:

— Vá para o estrangeiro, meu amigo, vá para o estrangeiro!

Procuravam por vezes amigos seus, que de bons patriotas se preservavam, dissuadir o Silva das suas opiniões derrotistas. A nada, porém, se movia aquele cerebro, em que nunca vibrara a corda do patriotismo.

Se, porém, muitas vezes os ouvintes se desgostavam com as suas conversas, era o sr. Silva sempre extremamente agradável ás pessoas a quem receitava o estrangeiro como cura da sua doença artistica. E nalguns espiritos em que a vaidade imperava como principal qualidade artistica (ha tantos!) a palavra «estrangeiro» apa-recia como um clarão de aleluia!

Apresentaram ontem o sr. Silva, após um recitar de piano, á sua realizadora, uma pianista da nossa praça que, embora tocando por musica, já conhecia de ouvido os conselhos que o erudito sr. Silva costumava dar a todas as vocações aproveitáveis.

Teve por isso uma decepção quando o critico-amador se limitou a saudá-la com um «muito prazer em conhecê-la» pouco animador. E, sem se conter, arriscou afoitamente:

— O que faria o senhor se tocasse piano como eu?

E, quando esperava ouvir falar no costumado estrangeiro, ouviu o sr. Silva pronunciar amavelmente:

— Não desanimava, minha senhora. Continuava a estudar, e estou certo de que, com persistencia, chegaria um dia a tocar decentemente!

ANIBAL NAZARÉ.

Taboletas de Lisboa

Pois se os senhores barbeiros nos dão as barbearias, porque é que os cabeleireiros não dão «cabeleirarias»?

... Mas isto aqui não é filosofar
nem para estar com trevis;
é só para reinar
e tratar da saúde ás taboletas,
a ver se estas enfim entram nos eixos.
Cabe a vez aos simpáticos rapazes
que, feitos ferrabrazes,
dia sim, dia não, nos vão aos queixos.

Ha barbearias finas, elegantes,
com letreiros berrantes
e quasi aristocratas;
outras não buscam do réclamo a fama,
são um pouco da trama,
modestas e baratas.

E ha cada taboleta, santo Deus!
Mas nunca os olhos meus
viram nenhuma assim tão «lapidaria»,
nenhuma tão feliz
como aquela que diz:
«Barboaria semi-ferro-viaria...»

Se houver alguém que duvide
deste famoso letreiro,
na estação de Campolide
verá que é bem verdadeiro.

E explique depois aqui
a que proposito vem
aquele épico «semi-
ferro-viario» tambem...

ANTONIO AMARCO.



Contra
todas as dores

não ha remedio de acção tão rapida como os comprimidos de

CAFIASPIRINA

Os seus efeitos são tambem insuperaveis nas nevralgias,
dores de dentes e de ouvidos, nas enxaquecas, assim como
tambem nos incomodos periodicos das Senhoras.

Alivia o cerebro, aumenta o bem estar
e não ataca o coração nem as rins.



é vendida
todas as farmacias.

Series grandes
e PINA
75 - Rua de S. Paulo - 77

Dois dedos de conversa

Encontrei o Menino Jesus, outro dia, no Nicola. Menino é força de expressão, porque ele é quasi tão velho como algumas das nossas actrizes.

Dois dedos de conversa sobre banalidades e, ao acaso, algumas coisas interessantes.

— Um dos mais curiosos casos que me succedeu foi no Natal de 1910, logo a seguir à implantação da Republica. Mudaram de nome as ruas e eu vi-me atrapalhado, tanto que houve muitos que ficaram sem premio.

— Mas depois deixou de se atrapalhar?

— Agora ando sempre com o roteiro do sr. José Sebastião Pacheco e nunca mais me atrapalhei.

— E diga-me, que tal a distribuição deste ano?

— A mesma coisa de sempre.

— Diga-me alguns a quem vem distribuir.

O Menino sorri-se, puxa dum block-nots e vai dizendo:

— Olhe: ás figuras conhecidas. Ao Erico Braga um frasco de *Flôres del Campo*. Uma certidão de idade á D. Auzenda de Oliveira. Um quilo de boa graça portugueza ao Carlos Leal. Mais perna para á D. Maria Brazão. Tenho também, para os sapatos do Antonio Gomes, uma grande surpresa de encomenda. Um barril de vinho palhete para o Silvestre Alegirim.

— Mas isso é só para os artistas de teatro? E de cinema?

— Também tenho.

E o Menino, com uma paciencia adoravel, vai enumerando. Ao Antonio Fagim, uma *gilette*. Ao Leão de Barros um novo galã. A Dina Moreir... mais elogios, etc., etc.

— Sim, senhor. Grande distribuição. E a outras figuras conhecidas?

— Tenho muitos premios. Este ano sai tudo na rifa. Olhe, tome lá mais. Para o sr. Brito Camacho, uma banheira. Ofereço ao José Parreira uma grande dose de talento. Ao dr. Coutinho de Oliveira uma tina de semicupio. Para o Amarelhe uma caixa de charutos dos mais caros.

— E para os cantadores de fado, oferece-lhes, está claro, guitarras, novos fados?...

— Isso im! A cada um dos cantadores de fado dou uma caixinha de pó insecticida.

— Quere dizer: tem todos o seu brinde, mesmo aqueles que de ante o ano fizeram maldades.

— A todos cabe um quinhão.

— Então diga-me o que é que você vai pôr nos meus sapatos?

— Nos seus sapatos? Meias solas.

FERNANDO D'AVILA.

DESSPORTOS

Concurso das figuras e factos notaveis do Sport de Portugal

O nosso concurso jamais acaba, dia a dia as figuras veem aparecendo, cada vez mais fulgurantes, mais astros desta constelação do Sport nacional.

E os premios, então, nem as colunas interminaveis dum grande diario chegariam para catalogar todas as ofertas que diariamente recebemos:

— Uma afirmação do sr. Alvaro de Lacerda: «Se não conseguír solucionar o conflito Federação-As-sociação de Lisboa, mando-os a todos para a rima do meu nome».

— A grande edição dos colossos

diarios *Noticias e Seculo*, de sociedade, é claro: «A historia da pancadaria nos campos de *foot-ball*, de ha meses para cá».

— Varios bilhetes de *claque* para o proximo congresso da F. P. F. A., que se deve realizar no Coliseu dos Recreios. O sr. Sanches Navarro vai fazer de François. Receia-se o perigo de ele trocar os nomes aos varios artistas.

Julio Ribeiro da Costa prepara um numero de forças combinadas com o Candido de Oliveira.

O Candido é o *base*, mas anda a vêr se consegue ser *volante*, pois não ha nada como viajar por alto.

TROLHA-BALL



Vá lá façam-se amiguinhos

No Porto joga um rapaz. Um rapaz dos mais cautas. Que já mostrou que é capaz. De fazer coisas bonitas. Madrid, Paris ou Milão. Conhecem-n-o de algueira. E até em Amsterdão. Fez figura lisongeira. Desde a ponta á meia ponta.

Varias vezes tem jogado. Mas numas vezes tem conta. Neutras é precipitao. Joga co'uma certa arte. E tem um *shoot* brutal. Por isso é que ele faz part. Cá do *team* nacional.

ZÉ MARIA.

Prosa de Cha-Velho

A Associação dos Tourneiros Portugueses vamos oferecer a ideia que aos socios daría mais alegria que a propria praça onde a sédo tem local.

A nossa ideia consiste numa arvore do Natal com que a Associação mimosearia os senhores toureiros, dependurando neia varios brindes que poderiam ser os seguintes e com a distribuição que se segue:

Uma mitra episcopal para o sr. Nuncio e um boné de *jockey* para o sr. Simão.

Uma distincão para o sr. Ferreira Estudante.

Um capote de baeta para o sr. Procopio e uma pele para o sr. Coelho (Agostinho).

Um cavalo de pão espanhol para o sr. Teixeira tourear em Huelva.

Para o sr. Manoel dos Santos o chapéu alto que foi do bom Botas.

Um «peixão» para o sr. Peixinho.

Flôres para o Plá e um «alta-voz» para os berros do *Alfarero*.

Passas para o *Malagueno*.

Um espartilho para o Ze da Costa.

Mais uma perdiz para o Antonio Carvalho.

Muitos domingos de touros para o Custodio dos Domingos.

E muitos dias de idem para o Antonio Idem.

Uma guia de Paris para o sr. Luciano.

Santinhos para os srs. Alfredo e Mario dos ditos.

Um capote de emprezario miliciano para o sr. Segurado.

E um beneficio para o Cadete, em 1930.

PEREZ LA CHAISE.

Quereis dinheiro?

Jogai no

Lama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA
Sempre sortes grandes

Cacharolete

Inda não foi feita
Todos os aros costume
comprar um bilhete inteiro,
com intuitos que resumem
nesse relato ligeiro:
Quería ter um palacete
para as bandas de Cascais,
com um lindo miranete,
panoramas colossais,
uma horta e um pomar,
automoveis e cavales,
frate para saborear
e bosques para gosá-los.
Quería também possuir
out-board, barco á vela,
p'ra todas as noites ir
de Lisboa até Palmela;
E para, enfim, completar
o meu desejo glutão,
e, para enfim completar
pensava também comprar
um giganteco avião.

Em quanto disse pensei
ter avião, palacete,
quando, por fim, me lembrei:
— «E o dinheiro, r'ó bilhete?»

O HOMEM DOS TUBALES

NATAL

SCENAS DA BIBLIA



3 camelos perseguindo uma estrela... de revista

Lêr
amanhã
o
numero
de
NATAL
do
KINO
com 16 PAGINS

ECOS DA SEMANA

A SENA PASSA-SE NA SERRA DE MONSANTO JA' APOS, A ARBORI-
SAÇÃO

O MENINO ZÉ JUS
NÃO PÓDE COMPRAR
TANTOS
PRESENTES
PORQUE A MASSA
FOI-SE LHE TODA
SÓ PARA PAGAR
O SEU LINDO
PARDIEIRO



HOJE AMBLOS
NO COLISEU

MURRACA
1800

SENHORIO